

INTERFACE MUSICOTERAPIA E EDUCAÇÃO: MÚSICA PSICOTERAPÊUTICA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves ¹

Andréia Bobrek ²

A temática da formação continuada de professores em dois projetos de extensão da Universidade Federal do Paraná nos vieses da Literatura Infantil e Brinquedoteca tem a contribuição da musicoterapia em nível auxiliar intitulado “música psicoterapêutica” (Bruscia, 1999). Na intenção de trazer à educação o par experiência / sentido (Bondía, 2002) como fim da ação educativa e também de trabalhar não só recursos externos mas também internos que colaborem com ações educativas envolvendo literatura e ludicidade, a musicoterapia oferece vivências e orientações aos participantes da equipe e ao público beneficiado, a maioria professores e alunos provenientes de regiões de baixo índice de desenvolvimento humano (IDH) no estado do Paraná. Uma vivência planejada em conjunto entre as autoras foi descrita e comentada para ilustrar esse trabalho. Nesta, experiência de composição, improvisação e recriação emergiram, assim como instrumentos musicais convencionais e criados foram utilizados. Por fim, a palavra *criatividade* sintetizou os feedbacks recebidos ao longo do trabalho, que segue envolvendo disponibilidade e abertura de toda a equipe.

Palavras-chave: musicoterapia, educação, música psicoterapêutica, formação continuada de professores.

INTERFACE OF MUSIC THERAPY AND EDUCATION: MUSIC PSYCHOTHERAPY IN CONTINUOUS TRAINING OF TEACHERS

The theme of continuous training of teachers in two extension projects of Universidade Federal do Paraná (Federal University of Paraná) in the bias of children literature and of toy library have music therapy contribution in auxiliary level entitled “music psychotherapy” (Bruscia, 1999). Intending to bring the pair experience / sense as the goal of educative action and also to work not only with external but also with internal resources which collaborate with educative actions involving literature and play, music therapy offers workshops and guidance to the participants of the staff and to the public benefits, most of them are teachers and students from regions of low human development index (HDI) in the state of Paraná. A specific workshop planned by both authors was described and commented to illustrate this work. Experiences of

¹ Musicoterapeuta (FAP), técnica no modelo Benenzon. Pedagoga (UFPR). Orientadora dos projetos de extensão Mais Gente e Livros: caixinhas viajantes no mundo fantástico da literatura e Brinquedoteca na Escola: contribuição interdisciplinar ao ensino de nove anos (parceria UFPR e SETI). Atua nas áreas da reabilitação neuro-motora, educação e saúde mental camilah0001@yahoo.com.br

² Graduanda em pedagogia (UFPR); bolsista-graduanda do projeto de extensão Brinquedoteca na Escola: contribuição interdisciplinar **ao processo educativo nas séries iniciais do Ensino Fundamental de nove anos** (UFPR-SETI). Educadora Brinquedista (ABBRI). b.andreia3@gmail.com

composition, improvisation and re-creation emerged, just like conventional and created music instruments were used. Lastly, the word *creativity* summed the feedbacks received over the work that keeps moving by opening and disposition of all the team.

Key-words: music therapy, education, music psychotherapy, continuous training of teachers.

Apresentação

Este artigo visa elucidar a interface encontrada nas áreas da musicoterapia e educação em projetos de extensão universitária envolvendo formação continuada de professores.

Será explicitada uma vivência realizada com esse público em evento de extensão universitária após a apresentação dos projetos de extensão, da prática da musicoterapia com as equipes dos projetos e com a comunidade e de diálogo com as idéias de um pensador contemporâneo sobre a educação.

Extensão universitária e formação de professores: os projetos

Os projetos de extensão universitária “Gente e Livros: caixinhas viajantes no mundo fantástico da literatura” e “Brinquedoteca na Escola: contribuição interdisciplinar ao processo educativo nas séries iniciais do Ensino Fundamental de nove anos” integram o Programa de Extensão de Qualificação Docente, coordenado pela profa. Carmen Sigwalt e Ligia Klein (vice-coordenação) no Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Ambos os projetos têm parceria com a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Estado do Paraná (SETI), a partir do programa Universidade Sem Fronteiras (USF), subprograma Apoio às Licenciaturas.

Cada projeto conta com uma equipe de três orientadores, um profissional recém formado e cinco bolsistas de graduação, atualmente nas seguintes áreas: orientadores das áreas de Licenciatura em Teatro, Pedagogia e Musicoterapia, recém-formada em Licenciatura em Teatro, estudantes de graduação em Pedagogia, Educação Artística e licenciatura em Letras no projeto *Gente e Livros*; e no projeto Brinquedoteca na Escola há orientadores das áreas de Pedagogia, Serviço Social e Musicoterapia, recém-formada em

Terapia Ocupacional e estudantes de graduação em Pedagogia, Terapia Ocupacional e Artes Cênicas

Os projetos atuam pontualmente em instituições curitibanas e continuamente em municípios do Paraná que apresentam baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e que firmaram parceria a partir da oferta ou do pedido dessa atuação. São eles: Adrianópolis, Bocaiúva do Sul e Tunas do Paraná (*Gente e Livros*, nos anos de 2007 a 2009); Itaperuçu e Pontal do Paraná (*Brinquedoteca na Escola*, de 2009 a 2010). O projeto *Gente e Livros* teve sua segunda renovação de convênio, e atualmente é chamado *MAIS Gente e Livros* e tem atuado nos municípios de Guaraqueçaba e Piraquara em sua nova edição—de dezembro/2009 a dezembro 2010.

O projeto *Gente e Livros* teve seu início em outubro de 2007 e segue com seus objetivos de formação de leitores, entendendo que *leitura do mundo antecede a leitura da palavra* (FREIRE apud AZEVEDO: s/d), a partir do viés da Literatura Infantil. Nesse sentido, atinge professores e alunos em intervenções em sala de aula, faz encontros de formação continuada de professores e entrega em cada escola um acervo de livros de literatura infantil intitulado *caixinhas viajantes*, na intenção de aproximar a criança do livro e oferecer material de qualidade para uso em sala de aula. Em 2010, o mesmo projeto tem mais uma intenção: a de criar produtos culturais como materiais de apoio ao professor no trabalho com a literatura.

Essa temática nas séries iniciais do ensino fundamental, para ser desenvolvida, envolve o contato com recursos internos e externos para a contação e criação de histórias (MACHADO: 2004) para que professores e alunos possam vivenciar a proposta da literatura como um fim em si mesmo, e não simplesmente da história como pretexto para a apresentação de conteúdos de outras disciplinas. (COSTA: 2006).

Em relação aos recursos internos na preparação para criação e contação de histórias, a contadora de histórias Regina MACHADO os descreve como:

A disposição interna para se deixar levar pela respiração da história é uma aprendizagem que se faz pelo exercício de habilidades:

1. De observação – de pessoas, tipos humanos, fatos, objetos e fenômenos da natureza, ou seja,

2. De percepção da expressão das coisas, o que quer dizer, “ver” e “conceber” com a imaginação, com a intuição do que pode ser. Para isso são necessários:

3. Curiosidade, senso de humor, capacidade de brincar, de correr o risco de perguntar, de ter flexibilidade de ver as coisas de diferentes pontos de vista,

4. Contato com imagens internas significativas, com o poder do silêncio e do mistério, com as possibilidades expressivas dos gestos corporais, do olhar e da voz. (...)

Tudo isso é sonhar? É despregar-se do certo e do errado, do conveniente, do previsível, das regras estabelecidas, do medo, de tudo que é aprisionado da condição humana? (...) É. Tudo isso é movimento. Impulso. Aragem que desconcerta a estagnação do dia a dia, do costumeiro, do já sabido, do que repete as lições que não ensinam. (p.72, 2004)

Já os recursos externos são definidos como o gesto, um objeto que seja representativo à história, fantoches, músicas, onomatopéias, dentre outros elementos que ajudarão na composição da contação ou criação de histórias ou outro trabalho envolvendo literatura.

Pela experiência no projeto, percebe-se que é mais fácil a apropriação dos recursos externos do que dos internos, uma vez que os internos implicam uma auto-reflexão, uma posição em que é fundamental pensar sobre si mesmo e estar disposto a trabalhar sua singularidade em prol de uma troca legítima com aquele que ouve e aquele que cria histórias, músicas, poesias...

Busca-se, portanto, intenção e presença daquele que propõe tal situação criativa a seus alunos:

A intenção, o ritmo e a técnica constroem passo a passo a possibilidade de presença, a capacidade de responder criadoramente a tudo que ocorre no instante da narração, com vivacidade e confiança. Confiança na potencialidade de seus recursos externos e internos, confiança na história como um presente que ele oferece a si mesmo e à sua audiência. Estar presente é poder presentear. (MACHADO: p.81, 2004)

O projeto de extensão Brinquedoteca na Escola iniciou em abril de 2009 com quatro frentes de trabalho, a saber: 1) formação continuada de professores, preferencialmente do 1º ano do ensino fundamental, nos temas relativos a propostas lúdicas, Brinquedoteca Escolar e mediação. Isto ocorre através da elaboração de materiais escritos, cd's, encontros de formação continuada e oficinas, com o objetivo de possibilitar um novo olhar sobre a criança e sobre a prática pedagógica; 2) Garantia de oportunidades lúdicas às crianças, visto que elas têm direito à educação, à cultura, ao esporte

e ao lazer conforme previsto no art. 04 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); 3) Criação de uma brinquedoteca permanente em cada município atendido e outra itinerante a fim de ser levada durante as intervenções nas escolas, além de servir como material de apoio à equipe do projeto, bem como a formação de profissionais para o trabalho com o brincar mediado, de acordo com a proposta da Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri) e propiciar ao aluno da graduação a interlocução entre a teoria e a prática de forma interdisciplinar.

A presença do Educador Brinquedista diferencia a Brinquedoteca de outros espaços lúdicos, como por exemplo, um parque de diversões. Este profissional acolhe, sustenta e suscita o brincar dos usuários da brinquedoteca; media as interações dos usuários da brinquedoteca com os outros presentes neste espaço; e é parceiro no brincar em um clima de deslumbramento e liberdade com limites negociados.

A função da Brinquedoteca varia de acordo com o contexto em que está inserida e o público atendido, que pode ser desde crianças até idosos, a Brinquedoteca pode existir em escolas, hospitais, shoppings, edifícios residenciais, ser itinerante ou comunitária, e é obrigatória em unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação conforme a Lei 11.104/05 sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Com relação ao perfil do Educador Brinquedista, CADORE (2008) diz que algumas características básicas são: uma linda e diversificada história pessoal de brincar; disponibilidade interior para brincar, arrumar, ensinar a guardar sem destruir o prazer de brincar dos usuários e sem ser condescendente com a desorganização; curiosidade e disposição para diversificar seu repertório lúdico. No projeto Brinquedoteca na Escola também é usado o brincar e o conversar sobre o brincar como forma de valorizar a atividade lúdica; tem prazer de brincar, sem receio de se *expor* ao ridículo;

Segundo BONDÍA (2002) “o sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência o importante (...) é nossa maneira de ex-pormos, com tudo o que isto tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se expõe” (p. 24-25, 2002)

O perfil do Educador Brinquedista abrange também um sujeito criativo, que visualize novas formas de pensar e de fazer. No projeto Brinquedoteca na

Escola há constantemente a reflexão e execução do brincar na escola sob 4 vieses, também concebidos por Ingrid F. Cadore, a saber, Livre – brincar, o objetivo é brincar como um fim em si mesmo; brincar como recurso facilitador da aprendizagem, o docente usa jogos ou atividades lúdicas a fim de promover o processo de ensino-aprendizagem; Brincar como recurso de inclusão, quando o jogo e/ou a regra podem ser adaptados para incluir um estudante com necessidades especiais e Brincar como recurso de integração entre alunos professores e familiares.

NEGRINE (2007) argumenta sobre a formação do brinquedista alicerçada em três pilares, a saber: *formação teórica, formação pedagógica e formação pessoal*. O primeiro pilar está focado nas

Principais teorias que tratam do desenvolvimento e da aprendizagem; do jogo e do desenvolvimento; do tempo livre e da recreação e do prazer, marcando bem suas diferenças e em que paradigmas se situam (Idem, p.87)

No segundo pilar é destacada a importância da vivência concreta no ambiente lúdico e no terceiro pilar argumenta se sobre a necessidade do brinquedista vivenciar experiências lúdicas sem a preocupação com o gesto técnico ou com a *performance*.

Atuação musicoterapia: Música Psicoterapêutica

O termo *Música Psicoterapêutica* é utilizado para definir grande parte da atuação da musicoterapia em ambos os projetos de extensão porque se trata de uma prática auxiliar que se utiliza da música para alcançar objetivos como: “examinar e liberar sentimentos, (...) desenvolver auto-estima, estabelecer contato ou comunicação com outras pessoas, aprimorar habilidades cognitivas e desenvolver a criatividade” (BRUSCIA: p. 223, 2000).

Esse termo é mais apropriado que *Instrução Musical Terapêutica* (BRUSCIA: p.188-189, 2000) porque, apesar de se tratar de público de docentes e discentes, a prática da musicoterapia não teve objetivo de desenvolvimento de habilidades musicais, mas sim do uso da música e de seus elementos para desencadear leituras de si e intermediar sua relação com o outro, aspectos encontrados na definição de *Música Psicoterapêutica*, a saber:

Na *Música Psicoterapêutica*, uma pessoa utiliza a música para manter sua própria saúde psicológica ou para intensificar o crescimento e a

realização pessoal. Isso pode envolver aprendizado, execução, composição, improvisação ou ouvir música, tanto de uma pessoa sozinha quanto em grupo. (idem: p.223, 2000)

Dessa maneira, o campo da musicoterapia em interface com a educação e extensão universitária se dá tanto em orientações práticas no uso da música como via de acesso e de aprendizagem como em vivências com intenção de promover comunicação genuína entre equipe do projeto, alunos e professores, no sentido de prepará-los para uma posição mais próxima de uma horizontalidade, em que o compartilhar é possível em situação de contação de histórias ou de mediação de brincadeiras, ao invés da verticalidade experimentada na relação mais comum de ensino-aprendizagem, na qual os papéis relativos à explicação e à autoridade são claros e necessários no campo do escolar.

Tais projetos de extensão, portanto, visam à ampliação de repertório literário e lúdico do professor, com vistas à formação de leitores e de acompanhamento dos alunos sob uma visão holística. Para isso, tem como estratégias a possibilidade de trabalho lado a lado com o professor para que seja despertado ou resgatado no docente o gosto pela leitura e pelo brincar, para que este se aproprie dessas linguagens e promova, lado a lado com seus alunos, uma interação educativa que gerará crescimento em todos os sujeitos.





Vivências com música em Adrianópolis e Tunas do Paraná: Gente e Livros/ 2008

Sob esse preceito, há princípios educativos que permeiam os projetos a partir de idéias do filósofo da educação Jorge Larrosa BONDÍA, discutidas na equipe do projeto *Gente e Livros* e *MAIS Gente e Livros*, as quais podem dialogar tanto com a educação quanto com a musicoterapia.

Experiência / sentido na educação e a musicoterapia

O professor da cátedra de Filosofia da Educação da Universidade de Barcelona, Jorge Larrosa BONDÍA propõe que se pense a educação a partir do par experiência/ sentido.

Experiência não no sentido de *experimento*, ou *experiência de trabalho*, nem mesmo a partir da *informação recebida* e da sucessiva e automática *opinião proferida* por aquele que teve a informação (BONDÍA, 2002), mas partindo do seguinte conceito:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (BONDÍA: p. 21, 2002)

Fala também do *sujeito da experiência*, o qual é muito diferente do sujeito moderno (da época atual). Para ele,

Esse sujeito [da experiência] que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. (...) Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua

abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (BONDÍA: p.24, 2002)

Também sobre características do sujeito moderno e sua incapacidade de ser sujeito da experiência, o autor revela:

Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. (BONDÍA: p.23, 2002)

Tais atributos em relação à experiência e ao sujeito de experiência se entrelaçam com os atributos do trabalho com a literatura e com o brincar, relatados anteriormente e focos de cada projeto.

Portanto, pode-se dizer que se busca no professor um estado de sujeito da experiência para a atribuição de sentido ao seu ato educativo mais complexo que a informação ou a opinião, mas a partir de sua disponibilidade e abertura internas. Mais além do brinquedo como estratégia estritamente pedagógica ou da história com o fundo moral ou utilitário incutido, os projetos têm como fundamento o sentido do brincar em si, da literatura em si, que será particular a cada professor na relação com cada um de seus alunos.

Esse objetivo ultrapassa o oferecimento de técnicas, prevê uma mudança de olhar e de presença, sob outro prisma, que vai à contramão da neutralidade, da informação, da opinião. Sobre a comunicação, na qual se dá a relação humana, BENENZON define:

A musicoterapia utiliza em todos os seus contextos a comunicação analógica. A comunicação analógica é a possibilidade de abertura dos canais de comunicação entre os homens. Lamentavelmente, enfrentamos a invasão dos estímulos da comunicação digital. A linguagem verbal se converteu em um sistema defensivo, utilizados como couraça para encobrir os sentimentos, os afetos, as emoções e a verdade. (...) O homem usa os meios audiovisuais para remover de si mesmo seu sentir, seus afetos, a verdade, seus desejos. O homem está perdendo suas raízes, sua etnia; esquece seu começo, seu primitivismo, sua história, o essencial de seu ser. Nessa falta de memória histórica se inscreve seu isolamento. A musicoterapia, que valoriza o não-verbal, converte-se em uma alternativa para que o homem se reencontre com sua etnia, com as raízes, com a história, com o reconhecimento de si mesmo. Trabalhar no não-verbal é *desempoeirar* a memória. (BENZON: p. 23, 2000).

Dessa maneira, as experiências musicais compartilhadas e promovidas pela musicoterapia nos projetos visam estabelecer outro tipo de laço com as pessoas, auxiliando no cumprimento de metas que extrapolam a técnica de ensino, mas que atingem os professores, os alunos, a equipe de maneira a revisitarem suas lembranças, suas intenções, sua capacidade de escuta e apropriarem-se de recursos internos e externos com maior disposição e disponibilidade.

Sabendo que é “incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (BONDÍA: p. 25, 2002), busca-se, portanto, diminuir os discursos e as práticas do sujeito moderno no campo do educativo numa sensibilização por meio da linguagem analógica utilizada em musicoterapia.

Evento de extensão: vivência *Sala de Música*

A parceria dos projetos para a realização do evento ocorreu devido à aproximação de idéias e de atuação entre a equipe do projeto e seus objetivos.

O evento ocorreu no dia 24 de outubro de 2009, das 8h às 17h30, no campus da UFPR da praça Santos Andrade. Intitulado “Literatura e Brincar: tesouros a serem explorados na escola”, teve um fio condutor a partir de seu próprio título. A proposta do *tesouro* foi uma narrativa lúdica que permeou a preparação e a realização das atividades propostas pela equipe no evento. Isto ocorreu na escolha do tema do evento (“A Literatura e Brincar: tesouros a serem explorados na escola”), no convite enviado aos professores, na apresentação teatral no dia do evento (com uma exploradora buscando tesouros) e na elaboração e execução das quatro *salas* nas quais ocorreriam vivências e/ ou oficinas– de Criação, de Brincadeiras Tradicionais, de Bonecos e de Música.

Vivência Sala de Música

Inicialmente foi composta uma canção para essa vivência. Sua composição se deu da seguinte forma: minutos após a saída da reunião na qual foi definida a narrativa lúdica de *encontrar tesouros* e o tema do evento— “Literatura e Brincar: tesouros a serem explorados na escola”—, a

musicoterapeuta e pedagoga pensou na possibilidade de composição para a vivência. Em seguida, o tema do refrão já ecoava por seus pensamentos, o qual chamava a associação de temas do cancionero folclórico infantil, que possibilitaram associação de canções na vivência propriamente dita.

Assim como no processo de contação de histórias ou na promoção do brincar, houve intenções claras mas também uma abertura para escutar e acolher manifestações genuínas dos participantes no enquadre corpóreo-músico-sonoro-não-verbal, por isso a idéia de instrumentos fabricados aliados a instrumentos convencionais na *Sala de Música*, pois a estimativa de participantes era de 45 pessoas por grupo, em 4 grupos.

Os instrumentos fabricados com sucata foram os seguintes: 4 reco-recos no qual foram utilizados diversos tipos de materiais rugosos, como por exemplo, garrafas pet; 2 tambores que consistiram em potes de sorvete, 10 baquetas que foram canetas sem refil; 1 instrumento no qual foi utilizada uma lata com guizos presos a ela; 4 chocalhos fabricados a partir de copos de iogurte com arroz ou sal que produzem uma sonoridade que não concorreria com a dos demais instrumentos; 3 tambores de luvas no qual foram utilizados 3 latas de alumínio com luva de látex presa na boca de cada lata; 3 pandeiros construídos a partir de pratos de plásticos e tampinhas de garrafas de metal; 2 paus de chuva feitos a partir de rolos ocos de papelão, com pregos, 3 chocalhos que foram confeccionados com o uso de garrafas pet preenchidas com no máximo 2/3 de água e 3 instrumentos fabricados a partir de um presente ofertado por um educador brinquedista indiano (e gentilmente cedido por Ingrid Fabian Cadore, orientadora do projeto *Brinquedoteca na Escola*) nos quais foram utilizados tampinhas de metal, elásticos, botões e lã grossa.

Os instrumentos convencionais disponibilizados para os participantes foram os seguintes: três caxixis, dois blocos sonoros, dois reco-recos, um bambufone com quatro teclas (arpejo maior), uma marimba também de bambu, um pau-de-chuva, um pandeiro, uma platina e um par de chocalhos.

No dia da oficina com os professores, estavam postos no corredor que dava acesso a sala 4 cartazes com as seguintes frases: *SOM*, *SILÊNCIO*, *FAVOR TIRAR OS SAPATOS* e *ESCUTE O SOM DO SEU CORAÇÃO*. Além de demonstrar alegoricamente as características fundamentais da música e da relação (som e silêncio), tais cartazes tinham a intenção de preparar o grupo

para a experiência da *Sala de Música*, levando o grupo a tirarem os sapatos, prática muito utilizada dentro do modelo Benenzon de musicoterapia que propicia um estado diferente de intimidade. Na última frase está contida uma característica marcante dentro do que podemos chamar *Identidade Sonora Universal e Identidade Sonora Gestáltica*, ou Iso Universal e Iso Gestáltico (BENENZON: 1999) sonoridade em comum e ao mesmo tempo específica de cada ser humano, a qual normalmente não se percebe que se está constantemente em contato.

As consignas da oficina iniciavam desde sua entrada, visando marcar uma diferença nesse território em que os participantes iriam adentrar. Uma das proponentes aguardava o grupo todo estar pronto (sem os sapatos e em um estado de espera e escuta diferenciados, como pedido nos cartazes) ficando em silêncio e sinalizando os cartazes numa espécie de ante sala na qual ficavam os calçados dos participantes. A outra proponente aguardava dentro da sala.

Quando já se sentia que o grupo estava pronto, a proponente que estava na ante-sala abria a porta e convidava gestualmente o grupo a entrar. Dentro da sala, os instrumentos estavam dispostos no centro da sala, e havia almofadas em volta deles, num círculo. Assim eles se sentavam e pegavam um dos instrumentos para tocar.

Houve etapas previstas pela proponente musicoterapeuta em relação à vivência e ao uso dos instrumentos, a partir da *classificação de instrumentos segundo seu uso comportamental* (BENENZON, 1999), do conceito de identidade sonora (BENENZON, 1999), do manejo em musicoterapia didática e protocolos do modelo Benenzon de musicoterapia e recursos não-verbais (idem) e de sua experiência com grupos em musicoterapia. Tais etapas podem ser brevemente descritas como: 1. exploração dos instrumentos pelo grupo ; 2. comunicação por meio dos instrumentos e do corpo entre o grupo (chamado resposta / diálogo sonoro-musical); 3. instrumento melódico (flauta doce, usado pela musicoterapeuta) como objeto integrador, executando músicas do cancionário folclórico infantil (ISO's Cultural e Grupal); 4. pausa na qual é acenado o encontro com objeto intermediário (garrafa com sementes contendo uma folha de papel com a letra de música composta para o grupo); 5. leitura da música por participante escolhido ou voluntário; 6. canto da canção (ambas

proponentes) acompanhada do violão (pela musicoterapeuta), integrando todos os envolvidos na mesma canção com abertura para associações livres corpóreo-músico-sonoro-não-verbais do grupo; 7. oferta de recipientes de sucata (tesouros dentro de uma caixa-surpresa) para a confecção de instrumento idiofone (chocalho / maracá / ovinho de percussão) a partir de cinco tipos de grãos ofertados na sala (feijão, arroz, grão-de-bico, lentilhas, milho); 8. confecção individual de instrumento pelos participantes; 9. acompanhamento da saída dos participantes a partir de escuta individual ou de pequenos grupos que quisessem manifestar uma fala na saída para outra oficina.

Contando com 30 minutos para a realização dessa vivência com cerca de 30 participantes por grupo em 4 grupos diferentes, pôde-se constatar assim mesmo diferenças marcantes em cada grupo, seja pelas características dos participantes ou mesmo por quanto eles estavam aquecidos nas propostas, visto que os últimos grupo já haviam visitado outras salas com objetivos em comum mas com recursos diferentes, e os primeiros grupos foram primeiramente recebidos pela proposta da sala de música. Os comentários finais (item 9) foram desde elogios à composição, perguntas sobre instrumentos fabricados, até explicações de manifestações ocorridas no desenvolvimento da vivência, como no caso de uma participante que chorou ou mesmo de assuntos relativos à musicalidade dos mesmos, dificuldades ou facilidades que cada um julga ter em relação ao fazer musical.

As associações de outras canções e palavras (item 6) a partir da canção *Comboio de Pistas* aumentaram progressivamente, grupo a grupo, e o reconhecimento de canções tocadas na flauta foi seguida por posterior canto em grupo das mesmas na totalidade dos grupos (item 3).

As etapas de exploração e de interação instrumental (itens 1 e 2) foram peculiares a cada grupo, pois as escolhas de instrumentos eram variadas, e as trocas eram permitidas a qualquer momento da vivência. Nesses momentos, as proponentes também circulavam pelo grupo fazendo propostas musicais e demonstrando, quando pedido ou mesmo quando sentiam necessidade, um possível uso de alguns instrumentos pouco conhecidos.

Segue canção composta para a vivência:

Comboio de pistas

(Camila S G Acosta Gonçalves)

Procuro um tesouro escondido
Onde é que ele pode estar?
Será no verde da mata?
Ou no azul do mar?

Procuro um tesouro escondido
Onde é que ele pode estar?
Pode ser embaixo da terra?
Ou flutuando no ar?

Procuro um tesouro escondido
Onde é que ele pode estar?
Talvez num sonho esquecido?
Ou na roda a cirandar?

E nesse tesouro o que eu vou encontrar?

Procuro um tesouro escondido
Onde é que ele pode estar?
Será no som de um coração?
Ou na mira de um olhar?

Procuro um tesouro escondido
Onde é que ele pode estar?
Pode ser no giz da amarelinha?
Ou num doce de rimar?

Procuro um tesouro escondido
Onde é que ele pode estar?
Talvez no caminho de casa?
Ou onde mais eu for morar?

E nesse tesouro o que eu vou encontrar?

Após o último grupo ter realizado a vivência, a musicoterapeuta sentiu necessidade de propor um fazer musical com os instrumentos criados por todos os participantes, os quais estavam reunidos na sala de palestras para o encerramento.

Assim, com todos os quatro grupos, ela propôs uma construção musical do som da chuva em improvisação dirigida com variações de intensidade e maneiras de tocar. Essa intenção se deu tanto a partir do uso dos instrumentos em musicoterapia, da leitura compartilhada na literatura e do conceito de “brinquedo brincado” apreendido em sua experiência em brinquedotecas.

Quando as proponentes, autoras desse artigo, reuniram-se novamente para discutir a proposta, perceberam relações tanto do campo da musicoterapia quanto da educação, destacadas abaixo:

- A) Foi aberta possibilidade de expressão criativa e de exploração dos mediadores ofertados, denotando o processo de aprendizagem que não é espontâneo, mas nem por isso nega essa etapa importante da descoberta
- B) Demonstrou-se a possibilidade de fabricação de instrumentos a partir de elementos do cotidiano, assim como a possibilidade do uso do corpo, do gesto e da voz de maneira criativa com vistas à coesão do grupo (no caso da vivência, os grupos eram sempre heterogêneos, de professores de diferentes regiões e projetos na mesma vivência)
- C) Demonstrou-se um olhar diferenciado do julgamento de valor da produção de cada um, longe do que está certo ou errado, e o uso da linguagem analógica em detrimento da digital (BENZON, 2000), nos momentos em que consignas do ambiente ou do gesto foram utilizadas ao invés de explicações verbais
- D) O uso da música composta e da escuta da resposta do grupo por meio das associações denotou intenções das proponentes por meio do uso da *música como analogia* (...), na aposta de que mensagens musicais sejam assimiladas como mensagens para a vida, de acordo com a visão de como se constrói um contador de histórias e um educador brinquedista no processo educativo
- E) Assim como é encarado nas estratégias da formação de professores que valorizem a literatura e o brincar, não foi pedida uma reiteração verbal nem ofertada *uma interpretação* da vivência, uma vez em que cada um irá atribuir significados a partir de sua história de vida e que a *experiência* será singular; espera-se, porém, que haja uma atribuição de *sentido* por cada participante, mas não necessariamente após a vivência ou que este sentido (que também é do singular) seja compartilhado com o grupo
- F) Foi aberta a possibilidade de expressão musical dos participantes, algo que por vezes é negado no processo educativo da formação de professores e mesmo na educação básica, diminuindo as chances de contato dos envolvidos com sua própria musicalidade e com seu potencial criativo no encontro com o outro nessa linguagem



Vivência *Sala de Música*: início da exploração instrumental num dos grupos, out/2009.

Principais devolutivas referentes à apreciação do evento

Na tabulação das avaliações (intituladas *apreciações*) do evento de extensão “A literatura e o brincar: tesouros a serem explorados na escola”, de cerca de 100, foram entregues 50 avaliações, desse total não foram consideradas 18 avaliações nas questões objetivas, porque tinham o preenchimento incompleto, porém foi levado em consideração todas as avaliações nas questões discursivas. Os resultados apontaram que 90% dos participantes eram do sexo feminino e 10% do sexo masculino. Com relação à quanto tempo o professor trabalha na rede municipal/estadual foi constatado que de 0 a 5 anos são 25%, de 6 a 10 anos corresponde a 37,5%, de 11 a 15 anos é 21%, e mais de 16 anos é 15%. O resultado mostrou também que 65% eram participantes do *Gente e Livros* e 35% do *Brinquedoteca na Escola*.

Com relação às perguntas sobre o evento de extensão, uma delas foi “Qual ponto mais chamou sua atenção no período da manhã? e no período da tarde?” Das respostas envolvendo a oficina de música, destacam-se: “sala de música com instrumentos confeccionados de sucata”, “gostei muito da sala de música”, “gostei muito das frases para pensarmos” e “oficina ouvir música”

Sobre o que poderia melhorar no evento, no relato que faz clara referência à oficina de música, foi dito: “deixar cada um expressar a sua criatividade pelo menos com um instrumento”. Nesse sentido, indaga-se sobre

a qual tipo de instrumento a pessoa se referiu, se convencional ou de sucata, ou ainda se o comentário é relativo ao pouco tempo de trabalho e/ ou ao próprio manejo de escuta que, para esse participante, pode ter sido insuficiente.

Em 15 avaliações foi exposta a necessidade de mais tempo para as oficinas e para as palestras; bem como o desejo de ter encontros mais freqüentes como o evento de extensão.

A última questão foi *Sintetize em uma palavra o que significou o evento de extensão "A Literatura e o Brincar: tesouros a serem explorados na escola" para você:* a palavra "criatividade" apareceu 07 vezes, "alegria" 02 vezes, "maravilhoso" 02 vezes, "aprendizado" 02 vezes, "ótimo" 02 vezes e ocorreu também: "inovação", "literatura e o brincar são importantes", "explorar", "emocionante", "descobri novos caminhos", "infância", "resgate da infância, do ser criança!!", "delícia", "crescimento", "despertou renovação", "aquisição de conhecimento", "renovação e paixão por educação", "socialização dos tesouros", "inteligente", "amar", "educação", "uma reflexão significativa sobre a criança, sobre o aprendizado, sobre a brincadeira".

Equipe Brinquedoteca 2009: Andréia Bobrek, Camila S. G. A. Gonçalves, Hequidiane C. França, Ingrid F. Cadore, Liliane M. Martins, Ligia R. Klein, Manuelle P. da Costa, Patrícia M. de Arruda, Regina C. T. Castanharo, Tatielle Balbinot e Vanessa F. Viudes.

Equipe Brinquedoteca 2010: Andréia Bobrek, Camila S. G. A. Gonçalves, Ingrid F. Cadore, Letícia P. Chagas, Liliane M. Martins, Ligia R. Klein, Manuelle P. da Costa, Priscilla M. Pereira, Tatielle Balbinot e Vanessa F. Viudes.

Equipe Gente e Livros, out/2009: Bruna Fialla Alves, Camila S G A Gonçalves, Carmen S B Sigwalt, Luciane Fabiane dos Santos, Márcia Tarouco de Azevedo Rocha, Paula Martina Iannou, Rosicler Alves dos Santos, Silvana Galvani Claudino, Valéria Zimmermann de Moraes.

Equipe MAIS Gente e Livros/ 2010: Ana Luiza Suhr Reghelin, Andressa Machado Teixeira, Bruna Fialla Alves, Camila S G A Gonçalves, Carmen S B Sigwalt, Julio Cezar Marques da Silva, Juliana Beltrão Leitões, Márcia Tarouco de Azevedo Rocha, Rosicler Alves dos Santos, Valéria Zimmermann de Moraes.

Considerações finais: o que NOS passa

Sabe-se que a temática de formação de professores já é foco da musicoterapia (SÁ&NASCIMENTO, 2009a/b; LOPES, 2009), mas ainda é uma prática recente no Brasil. Com esse artigo, pretendeu-se demonstrar um pouco dessa inserção, assim como localizá-la numa área e nível de prática dentro de sua atuação em projetos de extensão do setor de Educação da UFPR.

Por meio de literaturas que pontuam disponibilidade e abertura ao perfil de quem vai se apropriar de recursos lúdicos e literários na educação, tem sido

possível realizar uma interface entre educação e musicoterapia para benefício do público atingido pelos projetos de extensão, que são os professores, alunos e a própria equipe dos mesmos.

Além disso, foi fundamental para uma das autoras a definição de seu papel como musicoterapeuta em sua atuação em ambos os projetos, visto que ela também tem a formação em pedagogia, e assina grande parte da concepção pedagógica, metodologia e didática do projeto *Gente e Livros*, hoje *MAIS Gente e Livros*, assim como parte da concepção do projeto *Brinquedoteca na Escola*. Nesse sentido, algo que sintetiza a interface dessas duas especialidades é a palavra *criatividade*, a que teve maior incidência na *apreciação* do evento pelos professores.

Enquanto na musicoterapia a criatividade está aliada ao som e à beleza (BRUSCIA, 1999), na educação ela é um componente de planejamento, parceira de soluções e relativa ao inesperado. Uma maneira de convocar o professor e os outros participantes à criatividade é partir do conceito de *experiência* de BONDÍA, e, por meio das experiências musicais e planejamento da vivência relatados nesse artigo, foram demonstradas as aproximações possíveis de ambas as áreas.

A adesão às propostas dos projetos é compartilhada com a equipe quando os professores escrevem, falam, mostram materiais e mostram-se em *presença* o que *lhes* passa. Depoimentos como o de *sentir ter voltado a ser criança* aparecem na fala de professores em visitas e vivências com música do projeto às suas escolas, revelando a possibilidade de mudança, de resgate, de abertura que tais práticas suscitam.

Por fim, além das formações de base que nos nomeiam musicoterapeutas ou professores, considera-se que para atingir o outro é importante trabalhar em si mesmo os atributos necessários ao *sujeito da experiência*. A capacidade de crescimento pessoal e profissional que os projetos proporcionam ao indivíduo *à espera* é incomensurável.

Dessa maneira, a repercussão positiva dos projetos é também fruto do trabalho de suas equipes, com disposição ao diálogo e à aprendizagem nas reuniões, nas vivências e nas suas atuações na comunidade, e conclui-se que é esse o perfil do profissional educador ou terapeuta necessário ao trabalho com professores – ou, mais amplamente, no trabalho com *pessoas*.

Referências

- BENENZON, R. **La nueva musicoterapia** Buenos Aires: Lumen, 1999. [tradução livre de Camila S G Acosta Gonçalves para o presente artigo]
- BENENZON, R. O. **Musicoterapia: De la teoría a la práctica** Barcelona / Buenos Aires / México: Paidós, 2000. [tradução livre de Camila S G Acosta Gonçalves para o presente artigo]
- BONDÍA, J. L. “**Notas sobre a experiência e o saber de experiência**” tradução João W. Geraldi *in* Revista Brasileira de Educação nº 19, jan/fev/mar/abr 2002.
- BRASIL. Lei 8069/90. Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990
- Lei 11.104/05. Disponível em www.brinquedoteca.org.br/si/site/000702?idioma=portugues, acesso 19/04/10
- BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia** 2ª. Ed. [tradução Mariza V. F. Conde] Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- COSTA, M. M. da. **Mapa do Mundo: crônicas sobre leitura** Belo Horizonte: Ed. Leitura, 2006.
- LOPES, N. F. C. “Musicoterapia para o Educador: combatendo o estresse e valorizando a vida” *in* **ANAIS do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia / XI Fórum Paranaense de Musicoterapia / IX Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia**. Organização AMT-PR. Curitiba, Griffin, 2009.
- MACHADO, R. **Acordais: Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.
- NEGRINE, A.. **Brinquedoteca: Teoria e Prática – dilemas da formação do brinquedista**. In: SANTOS, Santa Marli Pires (Org.). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SÁ, L. C. de & NASCIMENTO, S. R. do “Musicoterapia e Formação Docente: Reconstruindo Discursos na Educação” *in* **ANAIS do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia / XI Fórum Paranaense de Musicoterapia / IX Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia**. Organização AMT-PR. Curitiba, Griffin, 2009.
- SÁ, L. C. de & NASCIMENTO, S. R. do “Musicoterapia: Ressignificando o Ato Pedagógico” *in* **ANAIS do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia / XI Fórum Paranaense de Musicoterapia / IX Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia**. Organização AMT-PR. Curitiba, Griffin, 2009.
- SERPIÁ. **V Curso de Formação de Educadores Brinquedistas e Organização de Brinquedotecas**, 2008.